

CRÔNICA

Paulo Pestana • papestana@uol.com.br



Saideira a contragosto

Na reestreia desse suplemento cheio de boas notícias, o ideal era falar de coisas amenas, mas nem tudo na vida é do jeito que a gente quer. Quando um bar fecha as portas, encerra uma infinidade de histórias e a cidade perde um pouco de sua alma. Quando é obrigado a fechar por causa de uma tragédia, como aconteceu há poucos dias com Silvio Ronaldo, assassinado em casa, é ainda pior. É como se deixasse almas penadas arrastando correntes pelos cantos.

Mais do que definir menu e manter o abastecimento e a qualidade do serviço, o proprietário é quem dá a personalidade do local, principalmente se ele leva o nome do dono na placa. É o caso do Silvio's, da 114 Norte, onde ele exercia poder ditatorial, como um jôquei clube grãfino, distribuindo bolas pretas e brancas para quem ele permitia (ou não) ser servido.

Por muitos anos o bar não tinha placa. Chegava-se lá por indicação — “fica atrás de uma padaria que vende material de construção”, dizíamos. Os bancos desconfortáveis como os de uma igreja ficam grudados às mesas com tampo de fórmica para facilitar a limpeza, mas que grudam os braços. Aos poucos foi se esticando pela calçada.

O boteco que servia refeições durante o dia e drinques à noite, quando a turma se reunia para ver o jornal da tevê, virou restaurante. Antes, era um ambiente

masculino; Silvio não incentivava a presença feminina no local. Segundo uma de suas máximas, mulher em bar é sinal de confusão. Mas se rendeu à turma que, invariavelmente, frequentava o local nas tardes de sábado.

As esposas foram se aproximando, obviamente para vigiar os maridos; trouxeram filhos, agregados e sufocaram qualquer indecência das conversas. Ele gostou da nova frequência, tanto que mandou fazer um banheiro novinho, caprichado, só para as mulheres.

Silvio era um especialista na culinária popular; dizia ter aprendido o básico com a mãe, mas teve longa vida como garçom e auxiliar de cozinha em outros bares e restaurantes. Cuidava pessoalmente do preparo de rabada, sara-patel, mungunzá salgado, costela, fígado (alto, inigualável) e especialidades como maxixe na nata e do-bradilha com carne seca.



Também desenvolveu uma técnica especial para fritar batatas, frescas, escolhidas por ele. Como todo dono de bar, tinha uma pinta de mal-humorado. Um freguês que nunca tinha estado no local perguntou a queima-roupa: “O que você tem de bom?” Foi ríspido: “Aqui não tem nada ruim, não”. E não serviu nada.

Mas era gaiato, adorava uma piada. Costumava repetir a história do homem que convocava toda a família: “Jacozinho?”. E respondia: “Já fui”. “Sara?”, “Já fui”. Inventava mais alguns nomes até encerrar. “Pronto, vou dar descarga”. E morria de rir.

Ultimamente, Silvio não abria mais o estabelecimento à noite — dizia

estar cansado de separar briga de bêbado — e recentemente falava até em se aposentar. Não deu. Ainda não se sabe o que vai acontecer com o bar, mas espera-se que, nem que seja em memória de Silvio Ronaldo, seja reaberto, com as mesmas especialidades.

E para lembrar que ele detestava servir saideiras.